

Dossiê

Epistolário Fábio Luz

Até 1903 – ano do lançamento do seu romance *O ideólogo* – haviam sido publicados pelo menos três dos melhores romances de Machado de Assis (*Brás Cubas* 1881, *Quincas Borba* 1891, *Dom Casmurro*, 1900). Graça Aranha e Euclides da Cunha marcaram a entrada do século com *Canã* e *Os sertões*. Duas das obras tidas como responsáveis ou pelo menos inspiradoras dos novos rumos que a literatura brasileira começava a tomar, nas primeiras décadas do século: a obsessiva preocupação com o nacional.

A abertura de uma via de indignação, perplexidade e descrença dos artistas simbolistas, diante de seu tempo, permitiu o surgimento de uma literatura não menos interessada, mas marcada pela centralização temática nos problemas sociais brasileiros e programaticamente envolvida como *O ideólogo*. Este tipo de literatura praticada por Fábio Luz (1864-1938) e seus companheiros buscava, por outros caminhos que não o do sonho e da contemplação, uma nova verdade e uma outra beleza: a de um futuro de paz, solidariedade e amor. A sua obra ficcional registra a fase de crescimento da República pelo viés da sociedade carioca, cujo perfil aparecia moralmente deteriorado. Sendo assim esboça um quadro de denúncias trazidas para a literatura brasileira, mais tarde, por Lima Barreto no *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (1909).

Fábio Luz, além de romancista, foi ensaísta, crítico literário, e educador. Freqüentava o grupo de escritores anarquistas que se reunia na Livraria Garnier, do qual faziam parte o jurista Pontes de Miranda, o historiador Rocha Pombo, entre outros. De um modo geral, sua obra foi bem recebida, na época, por críticos do porte de Araripe Júnior, Eduardo Frieiro, atraídos sobretudo pelo “cunho nacional”, pela agücia e profundidade de suas análises.

Destacam-se nesta seleção de cartas trocadas, entre Fábio Luz e seus colegas de literatura, uma longa discussão com a militante do anarquismo e escritora feminista Maria Lacerda de Moura e o crítico Almáquio Dinis em torno das diferentes concepções libertárias, em pauta no momento.

Por esta correspondência, também pode-se perceber a posição de destaque do escritor, exercendo ora o papel de mestre para os mais jovens, ora de mediador entre alguns de seus colegas e o mundo do jornalismo, no Brasil e em Portugal. A sua colaboração era vista como uma forma de prestigiar as várias revistas literárias do período. Como crítico, procurava, de imediato, emitir sua opinião sobre o valor das obras dos jovens estreantes, como fez com as resenhas sobre os livros de poesia dos futuros modernistas Cassiano Ricardo e Tasso da Silveira. A preocupação com a atualidade das questões culturais fez com que Fábio Luz refutasse pioneiramente as teses defendidas por Paulo Prado no *Retrato do Brasil*, sobre a tristeza do brasileiro.

Alguns aspectos curiosos que alimentavam a vida político-cultural da nossa *belle époque*, como os bastidores das campanhas por uma vaga na Academia Brasileira de Letras e as candidaturas presidenciais de Rui Barbosa e Hermes da Fonseca, estão também refletidos nos debates entre estes intelectuais.

A maioria das cartas é autógrafa assinada com exceção daquelas enviadas por Cassiano Ricardo e Maria Lacerda de Moura que são cartas assinadas. Os textos foram estabelecidos, fixados conforme a ortografia atual e anotadas pelas organizadoras deste volume da revista *Remate de Males*.

Todos os Santos (Rua José Bonifácio nº 25) em 28 de agosto de 1903

Fábio Luz:

Acabo de ler agora, às 8 horas da noite, o seu romance, e não quero demorar em agradecer o exemplar que você me mandou, e em enviar-lhe o mais sincero, o mais franco parabéns. Sinto estar arredado da imprensa, porque não posso chamar a atenção do público para esse magnífico volume. Você progrediu imensamente. Das *Novelas* para *O ideólogo*¹, a diferença é de léguas e léguas. Você está na obrigação de produzir mais, de escrever outro romance maior, em que desenvolva mais e melhor as suas formosas teorias. *O ideólogo* é pequeno, e, por ser pequeno, porque você não teve tempo, não teve espaço, isto é, não quis desenvolver a ação, acentuar os caracteres, delinear mais fortemente as cenas, há ali causas que podem ser criminadas. Ignoro como os nossos severíssimos e burríssimos críticos falarão do romance. Naturalmente na forma do costume: mordendo e soprando, e fazendo de você um diletante, um curioso, quando você é um escritor de raça, um verdadeiro romancista. É pena, é pena que *O ideólogo* seja tão pequeno, e que haja sido impreciso na “Altura”, à guisa de plaquete d’algum poeta que ora começa. Dou-lhe um conselho: aumente *O ideólogo*, desenvolva a ação, mude o título, que fará um trabalho altamente superior; ou, então – o que é melhor – escreva já e já outro romance. Mais uma vez: parabéns!

Do amigo e admirador
Figueiredo Pimentel ²

Notas

1. *Novelas* s.d.t. 1902; *O ideólogo* romance: R.J. Altina, 1903.

2. Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) poeta, romancista, tradutor e jornalista.

Todos os Santos (Rua José Bonifácio nº 25) em 6 de setembro de 1903

Fábio Luz:

Continuo na mesma luta com a educação dos meninos. Naturalmente, todas as noites estudo alemão com o mais velho, e faço o outro copiar um pequeno trecho. Esse está atrasadíssimo. Tenho notado que não sabe escrever, isto é, não tem posição, não se senta direito, inclina em demasia o busto e a cabeça, pega na pena horriavelmente, monstruosamente mal, revelando que jamais, nunca, uma só vez sequer teve quem lhe ensinasse a ter uma caneta entre os dedos!!! É incrível! Além disso, a caligrafia é péssima, escrevendo *ad libitum*¹, à natureza. Perguntei-lhe o que fazia na escola, e respondeu-me que apenas escrevia um pequeno ditado, e lia um trecho. Se escreve, ditado, como é que a professora não lhe corrige os defeitos próprios, inerentes a quem principia – posição do corpo e maneira de segurar na pena? A professora lê, e depois faz os alunos, cada um por sua vez, repetir. É admirável!!! Indagando se não estudava tabuada, se não fazia contas, declarou-me que não, “porque não tinha nem tabuada, nem lousa.”(Sic!!!!) Creio que as diretoras dos colégios têm uma certa verba para expediente; e que, sendo assim, devem fornecer aos alunos uma tabuada e uma lousa, que custam pouco. Mas, se não for assim, porque não escrevem aos pais, solicitando o que os alunos carecem? Meu filho tem me pedido, na verdade, uma lousa, mas nunca em nome da professora, e por isso, julguei que ele a queria para brincar em casa e no colégio, como fazia antes de quebrar a que tinha. Ainda mais: tanto o mais velho, como o mais moço, não estudam, nunca, nunca estudaram em casa!!! Onde se viu isso? Porque a diretora não dá boletins de notas – aplicação e comportamento? Só vi *um*² desses boletins, com o mais moço. O mais velho não vai inteiramente mal, e muito melhor nas

mãos da sua professora, do que nas da sra. d. Honorina de Oliveira. A sra. d. Maria Castanheira, pelo menos, fez-se estimada dele, parece que lhe dedica alguma afeição e algum interesse, e mostrou-me desejos de vê-lo sair-se bem no exame que acabou de prestar.

Peço-lhe, meu caro Fábio Luz, não só como inspetor escolar mas como amigo da sra. d. Amélia Viana e também das adjuntas d.d. Castanheira e Maria Júlia, e visto como tem filhos nesse colégio – peço-lhe que recomende os meus; que envide todos os esforços para que eles aproveitem mais alguma cousa, muitíssimo principalmente o mais moço, que ainda tem dois ou três anos de colégio primário. O mais velho há de ir para o ano para o Ginásio Nacional.

Desculpe-me mais esse incômodo, que lhe dou porque é um pedido justo e uma cousa que está na sua alçada.

Do grande admirador, obrigado e adeus

Figueiredo Pimentel

Notas

1. à vontade.
2. O grifo é do autor.

Todos os Santos (Rua José Bonifácio n° 25) em 23 de março de 1904

Fábio Luz:

Peço-lhe passar um atestado em como o Albertinho (Alberto Figueiredo Pimentel 2° foi vacinado, e tem sido revacinado várias vezes, ainda ultimamente, no Santarém; e também que não sofre de moléstia alguma, contagiosa, ou não – o que tudo é verdade, como v., aliás, bem sabe.

Aí vai um modelo, *mutatis mutandis*, bem como a estampilha. É para o Ginásio.

Deixa o atestado, que, à saída do colégio, ele irá buscá-lo.

Prévios agradecimentos do

Amigo obrigado e adeus

Figueiredo Pimentel

P.S. - Se for preciso – onde tem v. firma reconhecida?

F.P.

Mestre Excia.

Sr. Dr. Fábio Luz.

Na posse do seu livro *O ideólogo*, que teve a fineza de oferecer-me, devo dizer-lhe que o li com prazer e com a simpatia que sempre experimento diante de trabalhos de cunho nacional.

Tão lancinantes as cenas que se desenrolam através das 223 páginas do romance. Força é confessar que também são verdadeiras – de uma verdade inexorável, salvo um ou outro exagero, oriundo do ponto de vista no qual se colocou para observar os fatos e o escritor, cujas tendências socialistas não se ocultam.

De tudo, porém, o que mais me agradou foi a defesa da família brasileira, ferida em suas tradições pela influência desordenada da chamada atmosfera cosmopolita das grandes cidades.

Não lhe faleçam com forças para combater o mal, pelo artigo de propaganda ou pela ficção: é o que desejo.

E como acredito que efetivamente “os bons pensamentos nascem do coração”, faço votos para que a arte do autor do *Ideólogo* volte-se de uma vez para os assuntos, que elevam o espírito, e dão ao estilo um vigor de expressão imortal, que é o apanágio dos verdadeiros mestres.

[texto ilegível]

T.A. Araripe Júnior¹

Rio, 12. IV. 904

Nota

1. Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911) jornalista, crítico literário, ligado à Escola de Recife, membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

Bahia, 11 de Outubro de 1908

Meu ilustre confrade,
Dr. Fábio Luz.

Grato à gentileza dos encômios que me dirigiu, generosamente, na sua produção sobre os meus *Zoilos e estetas*¹ que acabou de vir a lume, fico, por isso mesmo, no dever de produzir algumas considerações a respeito de sua falsa interpretação de minha teoria de psicologia literária.

Discordando da regra geral que estabeleci, isto é, do *império das duas morais – a do cientista e a do literato*² – no indivíduo que tem a ventura (segundo a sua expressão) de reunir as duas qualidades aludidas, vai v. ao exagero de chamar a este processo verídico e irrecusável em qualquer de nós que escreva, à incontinência de qualificar de *improbidade* literária.³

De fato, se o que se discute fosse o subjetivismo humano, para disfarce do qual um autor procurasse ocultar, em mau ou em melhor, em rico ou em pobre estilo, com pseudônimo ou com anonimato, as suas qualidades individuais, as censuras profusas do apreciado autor do – *Ideólogo* – não poderia ser nem mais justo, nem mais a propósito. O fato, porém, é outro; é justamente o repúdio a toda e qualquer ordem de disfarces, de mascaramentos, por força do que vem como um princípio destacar-se a higiene espiritual do indivíduo dos processos de higiene individual dos seus personagens. Quem cultuaria as relações de amizade, quem se arriscaria a querer bem a Fábio Luz se a sua moral, ao contrário de ser a do homem de bem que é, fosse a de *Anselmo*, uma das personagens de seu *Ideólogo*, ou fosse a de *Afonso*⁴, facilmente contentado com o amor livre na hora em que toda a sociedade capricha nos sacramentos e ritos do matrimônio?!... Não quero crer que, ilustre cientista, o meu amigo se confunda com qualquer dos seus personagens.

gens, com a mais sublime das suas criações de Arte. No entanto, não duvido que, um só instante, a sua moral não agisse no sentido de ser transfundida para as páginas de seus livros a emoção maior de sua alma de artista. Alexandre Herculano, um dos maiores batalhadores de idéias no século XIX, em Portugal, com o maior desassombro, quando trabalhando no *Código civil*, não se arreceu de ali estampar o casamento civil; não obstante isto, contraindo enlace mais tarde não o fez senão pelas fórmulas do matrimônio religioso. Diminuiu, por isso, o prestígio moral do grande escritor de – *O Monge de Cister?* Certamente não. É que aqui também a moral do indivíduo é muitas vezes mais exigente ou mais tolerante do que a da sociedade sua contemporânea.

Haveria uma infamação se o escritor opinando por uma forma de moral nem sempre a seguisse nas suas produções, e fosse capaz de em cada ato particular de sua vida representar a comédia das páginas diversas de cada um dos seus livros. A insinceridade, a improbidade, como chamou v., seria se iludido a sua própria alma de artista ou de cientista, o homem não escrevesse como de seu hábito, não subscrevesse o seu trabalho com o seu próprio nome, não atacasse o mal apreciado ou não encomiasse o bem inventado, com o pudor do verdadeiro e do honesto.

Insincero ou improbidoso seria aquele que, no campo da patologia, descobrindo o bacilo de uma epidemia assustadora, para não aterrorizar a sua sociedade, deu-lhe o mascaramento de uma enfermidade comum.

Insincero ou improbidoso, seria, por igual, o homem de letras que, na contingência de fechar o ciclo de uma observação psicológica, fosse capaz de velar o destempero moral da alma estudada para não *épater le bourgeois*.

O romancista que delineasse o perfil de um ébrio profissional, como um capítulo de psicologia mórbida, dando às suas páginas toda a vivacidade emotiva para colorir os desregramentos mo-

rais do corrupto, para firmar bem os limites de sua moral pervertida, ou teria a sua moral de escritor rebaixada ao nível da do ébrio, ou tê-la-ia destacada da sua própria, da sua individualidade, e cairia, então, na sua censura, meu caro amigo.

A moral é a higiene do espírito, é o saneamento da alma. A sua relatividade não inspira dúvidas. E há, como otimamente sufragou v., não somente duas espécies, mas inúmeras. A moral do homem permite que nos seus aposentos ele traje a *pijama*⁵. No entanto, este mesmo que veste essa roupa franzina não sairia à rua sem a sobrecasaca e as calças de vinco... Não seria mais sincero e mais probo quem de um só modo se apresentasse trajado? Talvez, pela coerência da moral, o homem, destacando-se do seu meio e do seu tempo, assim agisse. Ai dele, porém, se pusesse em prática esse procedimento de lógica moral!... Por um fato destes o dr. Antônio Ferreira França passou à memória dos seus pósteros. Conta-se que o grande filósofo baiano, tendo de receber, pela manhã, inesperadamente, a visita do Arcebispo de seu tempo, não só se encontrava em simples *chambres*, como também quisera obedecer à pragmática que ordenava para uma recepção daquelas nada menos do que a casaca... E, enquanto o madrugador chefe da Igreja Católica subia as escadas, o espirituoso professor do antigo Liceu da Bahia, vestia, apenas, sobre os seus *chambres* encarnados, a recortada casaca de elasticotina, porque “o traje de recepção era a casaca, mas o seu *déshabillé* da manhã era o *chambre*”...

Pois é isto, meu caro confrade! A moral do homem é... um perigo. E já discordamos nós dois, outra coisa não é senão uma questão de morais... Talvez mesmo não esteja a sua discordância de acordo com a moral particular; nem esta defesa com a minha própria...

Sempre teu

Am.º e adm.ºr

Almáquio Dinis

P.S. – Quando terei ensejo de receber o *Brasil moderno*⁶ com o seu estudo sobre o *Crises*⁷, conforme a sua carta de começo de Setembro?

O *Diário da Bahia*, no próximo dia 15, publicará o seu artigo sobre o meu *Zoilos*, e enviar-lhe-ei, logo, dois exemplares.

Escreve, vadio!

Do ex-corde⁸

Almáquio Dinis

Notas

1. *Zoilos e estetas*. (crítica) Porto, Lello, 1908.
2. Almáquio Dinis (1880-1937) jornalista, crítico, romancista, teatrólogo e autor de uma extensa obra jurídica.
2. Grifo do autor.
3. Idem.
4. Idem.
5. Idem.
6. *Brasil moderno*. R.J., 1906-1913.
7. *Crises*. (romance em folhetim) Lisboa, 1906.
8. Ex-corde. De coração.

Meu caro Dr. Fábio Luz

Não faz talvez idéia desta ruidosa alegria com que acabo de ler o seu *Sérgio*¹: excede ela, ou é mais alguma coisa que o simples prazer com que com comumente lemos uma obra que nos agrada. A sua novela vem nutrir-me este discreto otimismo com que eu creio em nosso futuro; chega mesmo a dar-me um certo orgulho, pois que ela nos prova que somos dignos de ter o nosso dia – e grande dia! – no convívio espiritual do mundo. – Com este trabalho, o seu espírito se nos apresenta por um aspecto novo. Em seus livros precedentes, sobretudo no *Ideólogo*, v. é um analista minucioso, arguto e profundo: no *Sérgio*, v. é psicólogo e criador. A figura daquele padre Joaquim, com “os seus gatos e as suas orações”, e sem coragem para entender “complicações de alunos modernos”, e só, no entanto, capaz de amarguradas vigílias pelo afilhado querido... essa figura pode v. dizer que é sua, exclusivamente sua. Aquela tia Júlia, azendo de mãe, e no mesmo livro em que v. derroca a maternidade... é um tipo saboroso e ao mesmo tempo sublime, em cujo caráter se encontram originalidades palpitantes. O corona Armeiro foi apanhado ao vivo... o protagonista da novela, o mesmo que lhe deu o nome, é de uma perfeição admirável: conquanto tudo nesse se ressinta de falta de sinceridade com que v. o desenha – representa ele legitimamente (mesmo que v. quisesse fazer uma cruel ironia...) a alma humana, no seu mais alto grau de beleza moral, em contraste com tudo quanto estes nossos tempos podem ter de deliciosamente hediondo. – Mas o que me ficou de mais fundo, de mais inédito e espantoso entre as impressões da leitura, são aquelas duas mulheres do fim da tragédia. E são elas que me levam a escrever-lhe estas linhas, para mostrar que me não passaram sob os olhos sem produzir-me na alma a crispação mais intensa. – Como sabe, não é a primeira vez que se tenta esta belíssima tese da mulher salva, reabilitada por seu grande amor. Temos já tipos clás-

sicos desse gênero talvez em todas as literaturas do mundo; e aquela Marion Delorme², de Victor Hugo, diz-nos bem que a tese pode ser elevada até a força e grandeza sintética do drama. Não vejo – em toda a vida complicada dos grandes centros, em toda a espantosa miséria que afronta esta civilização ufana dos nossos tempos – não vejo que haja uma tese mais bela, mais social e grandiosa; e penso que ainda não está de todo explorada para que se a julgue velha e banal. Penso antes que bater muito nela é dar testemunho de que, no meio de todos os destroços da moral nas Sibaris de hoje, ainda vive alguma esperança de encontrar no fundo da natureza humana, por mais degradada que se sinta, um forte elemento de reação a mover. E se fosse preciso provar que a tese não está de todo explorada, aí teríamos este seu belo trabalho. E v., meu caro, viu na tese um aspecto novo, inteiramente inédito; e deu-lhe proporções de um trágico imprevisto. Como v. a tratou, ela se engrandece de tal modo que chega a lamentar sinceramente não tenha v. predileções pelo teatro, pois é um assunto cuja grandeza só se poderia destacar bem nitidamente à luz da ribalta. Aquela alma de mulher do mundo que se levanta, posta em contraste com aquele coração de mãe que tomba, e que afunda – a rir inconsciente e radiosa – na voragem da miséria moral – é de um belo tremendo que convulsiona as almas ainda as menos emocionáveis. E por mim confesso que a sensação que tenho é mais de pavor do que puramente estética. Será possível então, será verdade mesmo, oh Jesus! – inquiri-me a mim próprio diante daquela sua Adélia – será verdade que temos chegado a um tempo em que até o instinto sagrado da maternidade vai apagar-se na vertigem da civilização requintada e dissoluta? E será verdade ainda que esse instinto – miraculoso e divino até agora – vai ser vencido pela força edificativa e redentora de um grande amor fora do sangue? – Eis aí, a meu ver, o amplo cenário que v. abre aos artistas; as almas estranhas que v. propõe aos psicólogos. E é por isso mesmo (porque prefiro ver logo toda a

enormidade da sua criação) que estranho uma coisa em que não sei bem se tenho razão: parece-me que v. não se apercebeu da grandeza do seu trabalho, do mérito da sua vasta construção. Tanto assim que, quando menos se poderia esperar, v. conciliou aquela alma da desgraçada Adélia com a romba e simiesca estupidez daquele animal...e fez ainda mais: perpetuou a crueldade de matar – e tão ignominiosamente e no momento menos oportuno – o meu pobre Sérgio!... E depois teve o mau gosto de deixar que a redimida a torpeza de assassinar aquele Milon de Alconce... e ainda por cima de tudo ficar vivendo... como e para que, meu Fábio? Tenho piedade daquelas duas criaturas e veja o que faz daquela carcaça que v. entregou ao coronel... – Não: tudo isso é marca, ou do seu meio, ou do seu convívio espiritual. Sim, me parece que v., de certo ponto por diante, ficou com medo do que criara, e pôs fim a tudo com um furor shakespeariano – matando a todo o mundo... – Estas últimas notas querem dizer que v., meu caro Fábio, nos está devendo um livro. O *Sérgio* está esboçado: acabe-o, portanto. Abraça-o com efusão de alma o

Rocha Pombo³.

Rio, junho de 1909.

Notas

1. *Sérgio, Clóé*. Contos. R.J., Garnier, 1910.
2. Célebre personagem do drama homônimo de Victor Hugo (1831) inspirada na famosa cortesã também de mesmo nome (1615-1650).
3. José Francisco da Rocha Pombo (1875-1933) historiador, jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras.

Meu caro Fábio

Recebi sábado na Garnier a sua cartinha, acompanhada de outra do seu parente. Fico-lhe muito grato pela solicitude com que me fez tão depressa o favor que lhe pedi; e sou igualmente agradecido a seu cunhado pelas boas disposições em que está de me prestar os seus valiosos serviços. Como já lhe disse, só o incomodarei no caso em que me falhe ou não me satisfaça o outro expediente com que conto. Devo, aliás, dizer-lhe que à vista da espontaneidade com que se mostra v. h. Hilário Cesarino, já me sinto mais inclinado a preferi-lo. Neste caso, seria v. mesmo que faria o resto, isto é, que remeteria em seu nome estas instruções, etc.

Mas, veremos isso, até fins de agosto.

Não se esqueça, por enquanto, de agradecer por mim a seu cunhado. Veja lá, no entanto: não vá, desapercibido, enviar-lhe esta carta, que eu desejaria que ele visse, mas que, se eu [texto ilegível] iria borrar-me a pintura... E é por isso mesmo que não escrevo já diretamente a ele. É preciso todo sigilo!

O abraço do

velho amigo

R Pombo¹

Rio, 13 junho 921

Barbosa da Silva, 31 (Riachuelo)

Nota

1. José Francisco da Rocha Pombo (1875-1933) historiador, jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras.

Em 3 de agosto de 1910

Ao Fábio Luz

Recebi o seu livro. Você foi gentilíssimo, mandou-me um livro exemplar, cuja intenção, sobre o exagero bondoso da dedicatória, me comoveu. Mas, meu caro Fábio, a beleza do livro prejudicou-me, porque a minha mulher m'o arrebatou das mãos para lê-lo. Só agora é que vou deliciar-me com a sua prosa, vou entrar em contato com o artista finíssimo, que v. é.

Por enquanto, porque depois hei de comunicar a v. o que essa leitura me deixou, não estas linhas de agradecimento à gentileza do boníssimo Fábio, a quem abraça, estreitamente, sobre o coração o

Admirador e amigo

Gonzaga Duque¹

Nota

1. Luiz Gonzaga Duque Estrada (1863-1911) jornalista, crítico de arte, romancista e contista.

Meu caro Dr. Fábio

Tendo seguido para aí meu irmão pedi-lhe que o procurasse levando lembranças e notícias. Infelizmente sua carta aqui chegou já topando meu pai enterrado, tive de assumir assim de repente as funções de *chefe*¹, encontrando mil negócios em andamento, outros tantos a decidir, família em balbúrdia. Foi uma luta que, segundo vejo, continuará ainda por uns dias.

Recebi cá, remetida de lá, uma carta do Almáquio apresentando o Durval da *Nova Cruzada*². Liguei logo o nome ao fato e o *artigo* e daqui mesmo escrevi para a Bahia. Acabava de ler a *Virgem Mãe*³ quando tive de partir deixando começado um artigo de impressões, que terminarei na volta, que será dentro de 10 dias.

O resto por esta terra bem; apenas em muito derreado com as viagens a cavalo, que estranhei muito.

Muitas recomendações aos seus, ao Dr. Maximiniano, ao Couto, ao Teo e a todos os excelentes camaradas do Logeu. Abraça de longe o amigo grato.

Elói Pontes³

12-8-1910

Notas

1. Grifo do autor.
2. Durval Neri um dos diretores da Revista *Nova Cruzada* de Salvador (nº 1 – 1901 – nº 7 maio de 1907).
3. *Virgem Mãe* R.J. Garnier 1910. (Contos).
4. Elói Pontes (1888-1967) jornalista, biógrafo, crítico e tradutor.

S. Paulo, 15 de Janeiro de 1911

Prezado Camarada:

Desculpe-me se, baseando-me em nossas breves relações literárias no passado e por indicação de amigos (Moscoso e Leuenroth)¹ que lhe conhecem a afabilidade de caráter, não lhe escrevo senão no momento em que pretendo um favor. Sei que compreenderá e perdoará e, sem mais preâmbulos, passo ao meu requerimento.

Por vários motivos (de família, de saúde, econômicos, etc), vou em maio próximo fixar residência em Lisboa. Ali procurarei auferir recursos, para viver, do jornalismo, ou mais precisamente, de correspondências e crônicas para a imprensa brasileira. Advinha, pois, certamente o favor que desejo: a sua recomendação, ou melhor, a sua intervenção discreta, pessoal, para me obter num jornal do Rio um pequeno lugar de cronista ou correspondente em Lisboa. Naturalmente, num jornal sério e bom pagador, isto é, *pontual*², pois não aspiro a fortes remunerações.

Apontam-me *A Imprensa* que, sob a direção de Demétrio de Toledo³, se tornou um jornal moderno e independente. O diretor é primo de Maurício de Medeiros⁴, que me poderia recomendar, se não tivesse partido para Europa; mas espero que o senhor, caso queira ter esse incômodo, disponha das relações suficientes para o mesmo resultado. E se não for esse, outro jornal seguro servirá.

Eu poderia mandar de Lisboa uma narração, uma resenha semanal de todos os fatos mais salientes da vida social, em todos os seus ramos e aspectos; ou então – e isso daria mais terreno, mais liberdade, mais desafoço, para a expansão de idéias, de pontos de vista, de modos de ver – uma crônica bordada sobre um fato político, social, artístico, literário, da semana, sobre um livro, uma peça teatral, uma cena de costumes, uma excursão, uma paisagem, que

sei eu! Sem dúvida, eu não iria *fazer artigos de propaganda*⁵ no sentido específico da expressão, nem sobretudo afixar etiquetas partidárias e por constantemente o letreiro nas idéias manifestadas. Mas há mil modos de dizer coisas novas e belas, sem gritar o nome da mercadoria, e sem assustar quem quer que seja...

Não necessito, é claro, de me explicar melhor, pois tenho a certeza de ser compreendido. Se o senhor quiser prestar-me o excelente favor que lhe peço, saberá agir da melhor maneira. Apenas lhe lembro que poderá fazer notar que chegarei a Lisboa na época em que a Constituinte dará início às suas sessões, o que certamente contribuirá para tornar interessante algumas das minhas correspondências ou crônicas políticas.

Esperançado na sua recomendação, fico aguardando a fineza duma resposta. Seja ela qual for, desde já lh'a agradeço.

Saudações cordiais do amigo m^{to} obrigado

Neno Vasco⁶

Caixa Postal, 208
S. Paulo

Notas

1. Edgard Leuenroth (1881-1968) militante sindicalista, tipógrafo e jornalista.
2. Grifo do autor.
3. Na realidade este jornal foi dirigido por Alcindo Guanabara (1865-1918). Demétrio de Toledo. (1873-?) diplomata, escritor e jornalista.
4. Mauricio Campos de Medeiros (1885-?). Político, jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras, colaborador de vários jornais importantes.
5. Grifos do autor.
6. Neno Vasco. Escritor anarquista português que viveu no Brasil. Dirigiu o jornal *O Amigo do Povo* (1902) e *A Terra Livre* (1905-1910) com Manuel Moscoso e Edgard Leuenroth.

S. Paulo, 3 de Fevereiro de 1911

Prezado camarada

Recebi a sua boa carta de anteontem e agradeço bem sentidamente o interesse que está tomando pelo meu “requerimento”.

Afinal esta carta não tem outro fim senão esse agradecimento, porque vejo claramente, *pelo modo*¹ como me escreve, que se empenha a valer para me obter qualquer coisa.

Seja o que for, embora de insignificante rendimento – será bem vindo; mas se nada vier, do mesmo modo me penhora o seu esforço.

Saudações cordiais do amigo obrigado

Neno Vasco

Caixa Postal, 208

Nota

1. Grifo do autor.

S. Paulo, 15 – 4 – 1911

Prezado camarada:

Como partirei de Santos, pelo vapor “Frísia”, no próximo dia 19, apresento-lhe as minhas despedidas, exprimindo-lhe muito sinceramente a esperança de poder ser-lhe útil de qualquer modo em Lisboa, onde vou fixar residência.

Não tenho ainda morada naquela cidade; mas, se precisar de fazer-me alguma comunicação antes de eu poder participar o meu endereço, queira dirigir a carta ao cuidado de Hilário Marques, Caes do Sodré, 88, Lisboa. Na volta do correio, ainda poderá escrever-me para aqui, caixa 208.

Seja qual for o resultado dos seus esforços para me obter uma nomeação de correspondente (e desses bons esforços estou ao par até princípios do corrente, por intermédio do meu amigo Dr. Geyer, que creio já partido para o Sul), agradeço profundamente o seu empenho, que muito me penhora.

Saúdo-o muito cordialmente e declaro-me

Amigo m^{to}. obrigado

Neno Vasco

Ilustre amigo Sr. Dr. Fábio

Cumprimentos. Precisando de um seu conselho médico e estando impossibilitado de sair, rogo-lhe que me dê o prazer de sua presença, amanhã, nesta sua casa, à rua Souto Carvalho n. 32 (Engenho Novo).

Bem sei que está afastado da clínica, mas espero que me honre com a exceção, atendendo a este pedido.

Se a sua visita for pela manhã, ainda mais o estimarei.

Muito cordialmente,

O att.º e grato

Marcelo Gama¹

Rio, 30 – III – 12

Nota

1. Marcelo Gama (1878-1915) poeta simbolista e jornalista.

Amigo Dr. Fábio

Bons dias. Se hoje tiver tempo, queira vir até cá, mas se amanhã já poderei sair. Assim terei também o prazer de sua palestra.

*Ex toto corde,*¹

Marcelo Gama

Rio – 7 – IV - 12

Nota

1. De todo coração.

Meu caro Dr. Fábio Luz

Se o meu prezado amigo sair esta noite e puder vir a esta sua casa, ainda mais aumentará a minha dívida de reconhecimento. Não se trata de mim, que vou indo bem; mas de minha mulher que está doente, não passou bem a noite última, e eu temo que tenha igual ou pior a de hoje.

Eu sei que, nisto de adoecer gravemente, estamos já desacreditados, mas também não posso serenamente ouvir minha mulher gemendo e queixando-se.

Tenha paciência com os seus amigos, que em o assim tanto confiam, e, se não for grande o incômodo, venha até cá.

Do amigo certo e muito grato

Marcelo Gama

Rio, 8 – VIII – 12

Meu ilustre confrade Fábio Luz

Com os meus mais afetuosos agradecimentos venho comunicar-lhe que li, num dos últimos números d'*A Época*, a sua valiosíssima opinião sobre o meu modesto trabalho de estréia.

Brilhante na forma e elevadíssimo nos conceitos, o seu parecer sobre a minha pobre arte vale por uma das maiores recompensas ao meu esforço e sobremodo encarece o dever de minha gratidão.

Vivamente penhorado pela alta distinção com que me quis honrar a sua generosidade, prevaleço-me do ensejo para lhe testemunhar a grande admiração que consagro ao seu fecundo talento.

Creia-me sempre

seu confrade obrigadíssimo

Cassiano Ricardo¹

São Paulo, 2 de junho de 1915.

Rua Bento Freitas, n.º 9.

Nota

1. Cassiano Ricardo (1895-1974) jornalista, poeta modernista, diretor do DIP, membro da Academia Brasileira de Letras.

Fábio

Deus te ilumine

Acuso o recebimento do *Elias Barrão*¹, que li, e já reli em parte, com assinalado encanto.

Exceção feita ao *Ideólogo* e a' *Os emancipados*², que, ao publicá-los [texto ilegível], ainda eu, literariamente falando, andava nos cueiros, tenho sempre numa ou noutra coluna, no *Diário de Notícias*, no *B. Moderno* ou na *A Época*, tenho sempre registrado os vôos do teu espírito e as palpitações da minha alegria fraternal pela tua honesta fecundidade.

Precisamente agora, que publicas o *Elias Barrão*, encontra-me na reserva jornalística e tenho que te dizer epistolarmente o que diria em público e [texto ilegível].

Digo “precisamente agora”, porque da tua obra, forte e [texto ilegível], *Elias Barrão* é o que mais me agrada.

Longe de mim afirmar que é o teu melhor livro.

Entendo que, assinalado ser alguém realmente um escritor é antipático dizer que tal livro é o melhor, e qual o pior, principalmente, quando se trata de livros evidentemente bons.

Prefiro *Elias Barrão*, mais por instinto do que por inteligência. Acho que nesse livro as coisas se passam à vista do leitor: quero dizer é um livro flagrante, movimentado, vitalizando-se em partes e em conjunto vibrando e interessando. Além do mais (e essa é virtude essencial em tudo o que fazes) é um livro corajoso, posto que sereno, formidável, posto que ponderado.

Recebe com esta carta o meu abraço fraternal. Escrevo-te, pensando em nosso primeiro encontro de há dez anos. Tinhas um vigésimo de cabelos brancos, pondo longes tons de lua-nova em tua cabeça formosa: eu mal buscava os meus dezesseis anos irrequietos e entusiásticos da vida. Hoje, tens nos cabelos um estendal

de nenê precoce e eu começo a calvejar sob a [texto ilegível] de preocupações e malogros...

Lendo-te, porém, viril e bom. Acético e magnânimo, verifico que és em essência aquele mesmo Fábio, bem assim que sou o mesmo.

Hermes Fontes³

25 julho 1915

Notas

1. *Elias Barrão*. Romance. R.J. Ed. Francisco Alves, 1915.
2. *Os emancipados*. Romance s.d.t., 1904.
3. Hermes Fontes (1888-1930) jornalista, poeta.

Rio. Agosto. MCMXV

Meu caro Sr. Fábio Luz

Muito obrigado pelo seu estranho livro, que só agora me veio às mãos. Aprendi nas suas páginas uma capitosa filosofia, tão rara nos usos e costumes das nossas letras nacionais. A cisma prolongada ou violenta, o detalhe humano em aspectos vivos, francos ou sutis, a expressão equilibrada e justa. Criaram em torno das duas novelas um ambiente terrível às vezes, mas sempre fiel, penetrante como um punhal de Verona, dolente como uma grande tulipa das Flandres. Creia, meu singular amigo, a hora traz-nos, poucas vezes, um poder de sugestão assim.

Não há comentário que abranja a beleza e a vida; qualquer que ele seja é sempre exíguo como um soneto de Aretino para uma jóia de Nasari ou Cellini.

Destarte não vai, aqui, senão um pouco da riqueza onde mergulharam os meus sentidos satisfeitos.

Guardo-lhe o gesto e o livro com o mesmo alvoroço com que ora o abraço.

Ronald de Carvalho¹

Rua Humaitá, 104 – Botafogo.

Nota

1. Historiador, crítico literário e poeta modernista, um dos fundadores da revista portuguesa *Orpheu*, 1915 (1893-1935).

Caro amigo Sr. Dr. Fábio Luz

Saudares.

Felicitando-o por ter passado, sem desastre, o período da epidemia, comunico-lhe que deixei na Garnier um número da *Souza-Cruz*¹ em que se grafou o seu trabalho.

Achando-se em preparo um número especial da mesma revista, espero merecer mais um obséquio seu obtendo a sua colaboração.

Satisfeito o meu desejo, peço-lhe deixar na Garnier o trabalho, com o Sr. Lemos, por toda esta semana.

Antecipo a minha gratidão.

Gilca Machado²

[1916 ou 1917]

Notas

1. *Revista Souza Cruz* – periódico que circulou de 1916 a 1921.
2. Gilca Machado (1893-1980) poeta, autora de *Cristais partidos* (1915), livro de estréia; *Estado de alma* (1917); *Mulher nua* (1922); *Meu glorioso pecado* (1928).

Dr. Fábio Luz

Também sofri profundo e imenso pesar ao me certificar da má interpretação dada à minha frase exclamativa: “Quem sabe se a sua lógica me convenceria?”

Encontrou o Sr. nesta pobre frase duas cousas a considerar: a condicional convenceria e a “incapacidade de propagandista” na qual o envolve a sua excessiva modéstia, quase timidez, extraordinária num anarquista – sempre *lógico pertinaz*¹ na expressão de Hamon.

Comecemos pelo princípio: o verbo no condicional nada tem que ver ou pelo menos pouco tem que ver com o meu estado psicológico.

Não significa *dúvida enorme* como supor e muito menos *ironia*².

Se me conhecesse melhor não seria capaz de imaginar que eu usasse de ironias e muito menos com uma pessoa para mim venerada, a quem voto infinita consideração em vista da sua superioridade moral.

Depois, saberia respeitar os seus cabelos brancos, não fora mesmo um lutador pela causa da humanidade.

Não estivesse *eu de mal*³ com alguns períodos dos meus livros de estréia e lhos mandaria para verificar num trecho ou noutro a sinceridade do meu auto-retrato psicológico e me conheceria bastante para ver o quanto me magoou o haver causado pesar ao seu generoso coração.

Não sei mesmo porque se me escapuliu aquele condicional. De certo houve motivo no momento.

Segundo me parece, não estamos propriamente em divergência. Se há, é pequenina.

Veja pois quanto estranhei o haver tomado a minha frase ao correr da pena por uma *dúvida enorme*⁴.

Quer ver como estamos de perfeito acordo?

Como o ilustre confrade *creio*⁵ que a “felicidade dos povos se realizará pela Anarquia ou pelo Comunismo anárquico, que é a mesma cousa.”

“Compreendo perfeitamente e sinto a possibilidade do comunismo. O exemplo das comunidades religiosas é suficiente para convencer os mais audazes S. Tomé. “La Ruche” de Fauré é outro belo exemplo, mais perfeito.

Quanto a não ter “força de persuasão sem poder de fazer prosélitos” – permita que eu lhe diga que não tem razão.

A Verdade é lógica. Basta imaginar estarmos com a Verdade para nos convenceremos do poder de persuasão (já não digo em virtude da nossa lógica individual se a modéstia rigorosa o não permite, mas em razão da idéia conduzida fervorosamente.)

Como anarquista o Sr. tem lógica: a convicção da felicidade trazida pelo ideal anárquico se enraíza ferreamente em os corações bem nascidos e os convence de que o mundo para lá caminha e dá força de persuasão e... lógica.

É quase fé – a fé faz mártires e heróis – daí o poder de convencer massas, daí o ter o anarquista o senso de lógica.

Hamon tem razão quando afirma: “Autores e discípulos de uma doutrina estão em correlação com essa doutrina, sendo esta impregnada de lógica, os seus autores e discípulos serão lógicos. Não se pode conceber o contrário”.

“Não tem menos razão quando diz também: “Se na exposição negativa das doutrinas, isto é na crítica das formas sociais contemporâneas ou pretéritas a lógica é implacável, sem falha de espécie alguma” “os autores tentam uma lógica reconstrução social e não o conseguem. Deixam alar-se a imaginação que os leva longe de mais.” Sua lógica aí é “desligada, tem sobressaltos”. (A. Hamon – *Psicologia do anarquista-socialista*.)⁶

Eu não faria aquela pergunta se não estivesse tentando novos raciocínios para galgar o último passo, convicta de que me havia de auxiliar.

Não achei antagônicos – o individualismo ferrenho e o altruísmo extremado. Também o sou.

Por tudo isso – não era preciso que se exercitasse na doutrinação – ela é própria das convicções de coração e vem naturalmente.

O amor à humanidade é já caminho certo para se desejar que todos sigam as idéias e os programas de ação que nos pareçam propícios a encaminhar o advento de civilização mais doce.

E estou ainda de acordo com o meu distinto confrade quando diz: é preciso educar, *educar o sentimento*⁷.

Por isso me bato denodadamente.

É aí a base do edifício a ser construído pelas gerações do futuro.

É justamente porque acho tudo dependente da educação que não pude compreender ainda o mecanismo dessa transformação, uma vez que o povo tudo ignora inclusive o valor próprio, o valor do número pelo menos, a mais brutal das forças no dizer de Bourget.⁸

Sim, o povo se arranjará de qualquer modo, não há dúvida, com ou sem leis e decretos, com ou sem a burguesia.

Mas, sem a educação necessária há de sofrer mais e retardará a marcha evolutiva.

Eu desejaria se espalhasse por todos os recantos de todas as nações os propagandistas, a “Internacional do Pensamento” para que o sofrimento não durasse muito.

Pediria a instrução obrigatória, a propaganda intensificada para que se não reproduzisse por muitas vezes e com intermitências mais e mais opressivas os períodos de revolução.

Os momentos de repouso serão progressivamente mais terríveis, caros, despóticos.

Sei que a revolução social é inevitável, caminha para nós a passos apressados e se me afigura – há de durar muito tempo multiplicando os sofrimentos dos párias já esfalfados.

É preciso que o povo compreenda, ainda a superstição governamental, descreia das leis e dos legisladores. Vai indo.

Essa superstição está infiltrada nos cérebros pela influência ancestral.

E, de um dia para outro não se extirpam do inconsciente coletivo as influências hereditárias.

Falta a educação, faltam as verdadeiras escolas.

Carecemos de mestres.

Carecemos de quem derrube as escolas oficiais – pseudo escolas de educação, de quem derrube os dogmas a golpes de verdades cruéis, com a ousadia dos loucos, a maneira dos mártires da ciência na idade média.

A Revolução Francesa foi o começo da grande revolução – sufocada pela ignorância das massas inaptas a compreender o famoso início do golpe formidável.

Não receio a reação contra os usurpadores, ela é necessária, imprescindível, acho apenas cedo de mais, pelo menos entre nós.

A meu ver é preciso preparar a elite intelectual – instruída porém não educada e mui principalmente não emancipada.

Oh! o mal que a Igreja romana faz!

Demolir o dogma, fazer renascer o caráter, a coragem das convicções, desinfetar as almas desses almofadinhas e *parvenus*, dar consciência aos *nouveaux riches*, fazer nascer gente das melindrosas, em suma – educar os homens e as mulheres para as conquistas do porvir – eis o que é preciso.

Antes disso – quem é que compreende a revolução social e as suas conseqüências, quem servirá de colunas para sustentar os zimbórios do edifício majestoso?

Meia dúzia de idealistas da civilização nova?

É pouco porque a revolução tem garras e goelas escancaradas para devorar os próprios filhos – uns engolem os outros.

O povo? Se ele é analfabeto das letras e do ideal...

Tudo vai pessimamente, não há dúvida, a sociedade é o caos, a hipocrisia, o egoísmo, a ambição açambarcadora.

Seria um ensaio, pelo menos, mas – não cairíamos no risco de ir e voltar muitas vezes, multiplicando as decepções e as dores?

Eu (e minha opinião é a menor) acharia mais conveniente, antes de se pensar em ajustar contas com a burguesia, aplainar o caminho para que o golpe audaz fosse um só e não caíssemos nas garras dessa burguesia capitalista e desse clericalismo ameaçador, capaz das mais cruéis vinganças.

Dizem que precisamos mais de ação que de palavras. Discordo.

Cada momento depende do momento anterior.

Que revolução no mundo do pensamento tem operado Anatole, Barbusse, Romain Rolland, etc!

Precisamos de mais gente de coragem para apontar as desgraças sociais produzidas pela prepotência brutal.

Carecemos de camartelos desbravadores do campo da Verdade.

Falar, protestar, pregar, discutir, apontar erros/é para a “passagem do consciente no inconsciente” de Le Bon.

É a luta contra as tradições e os preconceitos arraigados em nós através os séculos.

Repetir, redizer, tornar a pregar a idéia nova até que toda gente a compreenda.

Assim, a revolução – necessária, não se multiplicará em revoluções, em guerras fratricidas, em lutas civis, em lutas entre os próprios irmãos de ideal, atrasando, retardando o momento definitivo com questiúnculas e dissidências de partidos ambiciosos.

Cientificamente é preciso ainda educar o povo, a elite e as massas, arrancar primeiro o véu que obscurece o seu olhar torvo e mostrar-lhe a superstição governista e a superstição papal.

O povo não sabe viver ora sem uma e outra cousa, não sabe viver sem senhores.

A ciência nos diz: “Nous savons que l’hérédité a toujours une tendance à retourner au type primitif ou, pour parler sans métaphore, que ce qui est acquis depuis peu, a peu de stabilité” (Th. Ribot – *L’hérédité psychologique*).⁸

Por isso, de vez em quando me vem, como a outros, a superstição das leis, etc.

É também a luta travada por mim contra o meu próprio cérebro para extirpar do inconsciente uns tantos prejuízos inoculados aí pelo vírus do passado conservador. Hei de vencer, hei de achar o fio de Ariadne.

Para isso conto comigo mesmo, com o meu coração e a minha razão, e com o coração dos meus melhores amigos em o número dos quais está o Sr.

De acordo com o pensamento científico receio que também agora, depois da *meia-revolução*⁹ a necessidade de adaptação do comunismo para vencer faça nascer um arremedo de comunismo, uma farsa, como do Cristianismo primitivo nasceu a burla do Cristianismo de agora – dominador do mundo civilizado.

Se o povo no tempo do Cristo estivesse em condições de amparar o Cristianismo e não fosse necessária a adaptação como meio de luta para vencer – teríamos no momento, como disse em sua carta, implantado o regime comunista.

Não se pode dar a mesma coisa ou coisa proporcional com o comunismo de agora?

Já não há vozes levantando-se para dizer que se a Rússia atear em continuar a ditadura os anarquistas devem também combater o sistema bolchevista, embora aquilo seja muito superior a todos os sistemas de governo constituídos?

Noto ultimamente divergência lamentável entre libertários do Rio, entre libertários de S. Paulo.

Uns querem se associar a deputados, formar partidos para fazer eleger representantes do operariado na Câmara, são pelo parlamentarismo.

Outros combatem sistematicamente esses sistemas de propaganda libertária.

Alguns são soviéticos, outros como Otávio Brandão¹⁰ são contra a ditadura proletária e proclamam a necessidade do regime comunista feito de vez, sem os paliativos do período de transformação ou ditadura.

Enfim, tudo isso quer dizer que não há um movimento coeso, há divergências, tendências opostas.

Que é isso senão falta da compreensão do verdadeiro meio para o objetivo a alcançar?

Se a dúvida se alastra na vanguarda dos combatentes...

Também eu sinto dúvida.

Não sei. Desejo ouvir opiniões autorizadas. Preciso meditar.

O que me falta compreender (e isso não tem importância: a evolução se fará quer eu a compreenda ou não) é esse meio de transformação.

A burguesia é culpada, é má, ignorante, egoísta, mas – uma ditadura proletária ou mesmo qualquer coisa que seja um belo arranço de tudo das mãos da burguesia, neste país de analfabetos aonde os próprios libertários não se entendem, seria vantagem?

Que viria durante e depois dessa revanche?

O golpe é necessário, porém devia ser reação de tal sorte que, de uma vez, implantasse o regime comunista sem dinheiro, sem propriedades.

O mal estar é único: tenho receio de que as misérias das intermitências para esse povo ignorante e comodista e descansado o façam desesperar do objetivo principal e ele se adapte firmando uma sociedade intermediária entre isso que há por aí e o comunismo.

O povo é conciliador, a massa quer pão e divertimentos, contenta-se com pouco.

E eu desejaria o golpe único para fazer feérica a “cidade Luz” – iluminando os corações de todos os párias.

Comigo, suponho, pensam Otávio Brandão e Canelas.¹¹

Sonho com o grande Ferrer¹²: ainda não me convenci do seu erro, embora me tenham dito categoricamente que ele errou.

Instrução racional, científica, educação – eis de que o meu coração tem fome num anseio ardente de mostrar a toda gente até aonde pode ir o pensamento humano em busca do bem estar para todos.

Eis o que eu desejaria se me fosse dado almejar qualquer coisa em proveito desta humanidade explorada, ludibriada, em prol da extinção da miséria universal.

E agora, meu caro colega, diga-me num cartão pelo menos – que não se zangou comigo e nem crê mais na possibilidade da **ironia**¹³.

Sou ciosa das minhas amizades e me não perdoaria nunca mais se perdesse a sua simpatia, para mim muito preciosa.

Irei ao Rio em fins de Dezembro. Farei aí, a convite de Bertha Lutz¹⁴, uma conferência sob os auspícios da “Liga para a emancipação intelectual da Mulher”.

Nessa ocasião desejo imenso apertar-lhe as mãos, conhecê-lo pessoalmente.

Procurá-lo-ei e hei de dizer mais da minha admiração pelo valoroso advogado dos oprimidos, já aureolado com as dores da injustiça humana.

Afetuosas saudações.

Maria Lacerda de Moura.¹⁵

Barbacena, 28 – 11 – 1920

Notas

1. Grifo do autor.
2. Idem.
3. Idem.
4. Idem.
5. Idem.
6. A. Hamon.
7. Grifo do autor.
8. Paul Bourget (1852-1935) romancista francês e autor de *Ensaio de psicologia contemporânea*.
9. Théodule Ribot (1839-1916) filósofo e psicólogo francês, foi um dos primeiros a defender a psicologia como ciência independente da metafísica.
10. Grifo do autor.
11. Otávio Brandão (1896-1980) professor de História Natural, pioneiro na luta pelo petróleo, político militante, fundador do jornal *A Classe Operária*.
12. Antonio Bernardo Canelas militante comunista, expulso do PC em 1923.
13. Francisco Ferrer Guardia (1859-1909) anarquista espanhol e educador.
14. Grifo do autor.
15. Provavelmente refere-se a Maria Júlia Berta Lutz (1894-1976), filha do cientista Adolfo Lutz, pioneira nas campanhas pela emancipação ligadas ao Partido Comunista da Mulher.
16. Maria Lacerda de Moura (1887-1945) escritora, jornalista e ensaísta.

Fábio Luz

Natal 30. Março de 1921

A *Revista do Centro Polímático*¹, ora sob minha direção publica no seu número 4º que envio a V.Ex.^a, a carta endereçada ao nosso amigo Jaime Adour da Câmara², quando este convidou-vos para colaborar conosco. Muito honrados com a vossa resposta e, em tudo aceitamos a doutrina que V.Ex.^a é pioneiro, desinteressado e altivo. A fundação do *Polímático* não tem outro fim. Já reconhecemos a aristocracia do espírito, do talento, do coração. V.Ex.^a é bem digno de todas as nossas atenções, e, muito esperamos com a vossa colaboração às páginas humildes da nossa revista.

V.Ex.^a alude a uma recensão contra as sociedades de elogio mútuo que se distendem pelas livrarias do Rio e se sediam no casarão cinzento chamado “Sylogen” ou “Cademia”. Esta reação já surgiu. Por todo o custo lutamos contra o pragmatismo exagerado, a rotinice fósil dos “medalhões”, a vacuidade festejada dos medíocres, a *infroência* sic nula dos falsos endeusados. V.Ex.^a tem admiradores certos aqui. Isto é uma variante da vossa posição enérgica, vossa atitude, soía, acima, além, dos incensos, curcuviteios e cansaturas de jornal para jornal.

Esperamos muito da amizade e apoio de V.Ex.^a. a *Revista* sempre se honrará publicando as vossas letras. É este o fim desta carta.

Não nos passou despercebido o vosso esforço literário, os vossos livros, as vossas idéias.

Mesmo, graças a Deus, a ação dum homem de letras, a imortalidade do gênio, a tendência declarada d’um’alma à uma evolução face à Perfeição. Semelha às sementes de trigo fortes nos sarcófagos egípcios. Quando mil anos de sono e de esquecimento,

são semeados ao solo, à luz, à vida, a seara ondeia e aloira, num milagre de ressurgimento.

É o que se dará com muitos escritores no Brasil. O corpo da múmia, os editores, os “medalhões”, a rotinice parva do público, não deixam germinar e reflorir o grão loiro do trigo. Mas, um dia, deste grão esquecido, milharais surgirão, numa apoteose geradora de triunfos.

Não se dará isto com V.Ex.^a. Já semeou. Não foi em terrenos sotacos sic e baldios d’energia adormecidos. Por toda a parte V.Ex.^a. lembrado, lido, e esperamos sempre nos nossos livros futuros.

Decerto V.Ex.^a. perdoará a minha falação. Dita estas linhas a minha sinceridade.

Reitero o convite feito por Jaime Adour da Câmara. A *Revista do Centro Polimático* está a inteira disposição de V.Ex.^a. e pede que não se queira esquecer deste convite.

V.Ex.^a. não deverá olvidar a nossa humilde publicação. Ajudando-nos com vossa pena ilustre por todos os títulos. Cria mais adeptos e aliados, à grande, necessária e urgente campanha de regeneração espiritual, em que V.Ex.^a. se empenha e trabalha.

Aguardando as vossas ordens,

De V.Ex.^a.

servo e admirador

Luís da Câmara Cascudo

Notas

1. *Revista Centro Polymathico*. Natal 1920.
2. Jaime Adour de Câmara (1898-1964) jornalista, ensaísta, participou do grupo da Antropofagia, 1988-1929.

Prezado Mestre Dr. Fábio Luz

Lia a sua nota do *Brasil*¹ sobre *A cidade de ouro*². E, agradecendo lindas e tão belas e tão largamente animadoras palavras, só me resta dizer-lhe que hei de redobrar de esforços para merecê-las um dia.

Seu am^o. m^{to}. ad^{or}.

Murilo Araújo²

[1923]

Notas

1. *Brasil moderno*.
2. *A cidade de ouro*. R.J. Brasil ed., 1921.
3. Murilo Araújo (1894). Jornalista, poeta, participou do grupo modernista *Festa* (1927-1928; 1934-1935).

Rio, 13/3/1923

Meu Ilustre Amigo

Dr. Fábio Luz

Receba meu comovido agradecimento pelas suas generosas palavras de hoje sobre minha *Igreja*¹. Há no seu delicioso *gâteau* algumas amêndoas amargas... Mas a farinha e o leite de que o fez são da mais lídima pureza. Pode crer que sua página foi dos melhores estímulos que tenho recebido, nesta estonteante metrópole em que a compreensão simpática dos outros é coisa rara.

Beijo-lhe as mãos.

Do Amigo humilde e admirador

Tasso da Silveira²

Notas

1. *A igreja silenciosa* (ensaios) R.J. Anuário do Brasil, 1922.
2. Tasso da Silveira (1895-1968) poeta, crítico literário, pertenceu ao grupo *Festa* (1927-1928, 1934-1935).

Rio, 8 de Janeiro de 1926

Meu caro Dr. Fábio luz

Saudações cordiais.

Recebi a sua comunicação de se ter apresentado candidato ao preenchimento de vaga deixada, na Academia Brasileira de Letras, pelo Mário de Alencar¹. Vejo nessa comunicação apenas como prova da estima, com que me distingue, pois, sabe q., há m.^{to}, ando arredado da Academia e que, principalmente, não tomo parte nas eleições, que ali se realizam.

Essa estima eu a retribuo, com efusão, porque de seus dotes intelectuais e morais impõem-se, sedutoramente, a todos os que o conhecem.

Aceite, com a ex.^{ma} família, os cumprimentos afetuosos de Amélia e os do am.^o e admirador.

Clóvis Bevilacqua.

Nota

1. Mário Alencar (1872-1925) poeta, crítico, membro de ABL, cadeira 21.

Meu caro confrade Fábio Luz.

Foi com bastante prazer que recebi ontem a sua carta e os exemplares do *Estudos de literatura e Brasileira*.¹

A demora na sua resposta eu já a explicara pelo não recebimento de minha carta, uma vez que, tendo perdido seu endereço, enviara dita carta à Garnier por uma tentativa...

Li o que me diz sobre a não inclusão no volume de estudo a respeito de meus livros. A honra seria grande para mim e tenho esperanças de ler breve o *Dioramas*², como leio sempre o que o distinto Confrade produz.

As livrarias daqui mais importantes são as seguintes:

Contemporânea – Rua 1 de Março 14. (Ramiro M. Costa & Filhos)

Universal – Avenida Rio Branco – (Eugênio Nascimento)

Moderna – Rua Duque de Caxias (Granja & Filhos)

Colombo – Rua da Imperatriz – (Manuel Campos & C.)

A qualquer uma pode mandar seus livros em consignação, avisando-me a fim de que eu me interesse junto aos livreiros.

Mando-lhe por este correio uns livros meus. Se escrever algo sobre eles, como desejarias, mande-me o retalho de jornal, dentro de carta.

Com agradecimentos e apreço, receba um abraço de

Mário Sete

Adm. dos Correios

Recife

19.4.27

Notas

1. *Estudos de literatura* (ensaios críticos), R.J. Ginásio 28 de Setembro, 1927.
2. *Dioramas: aspectos literários*. R.J. Ravaro, 1934.

Meu caro Confrade

Fábio Luz

Abraços

Sei que publicou um livro de crítica *Estudos de literatura* e desejo lê-lo. Poderá enviar-me um exemplar? Não o encontro aqui nas livrarias.

Grato o

Mário Sete¹

Adm. dos Correios

Recife

16. 3. 27

Nota

1. Mário Sete (1886-1950) jornalista, poeta e romancista.

Rio, 17 de maio (1927)

Prezado Mestre!

Não encontro palavras para agradecer toda essa prova de bondade que tem demonstrado nas referências aos meus humildes trabalhos de animação ao cooperativismo de que, graças a um esforço demorado, embora fora do campo da prática, tenho observado alguma coisa que poderia ser útil, caso houvesse melhor ambiente. Mas, hoje em dia pouco se me dão a indiferença de uns e coisas piores de outros. A Gehnna terrana se incumbe de reduzir a cinzas tanto o que presta, como também o que não presta, que pode ficar certo disso.

Pela educação que recebi do berço, caminho sempre sem ódio nem ambição. E assim será até a morte – único prêmio do justo.

Reiterando os meus agradecimentos, aproveito o ensejo para apresentar ao prezado Mestre os protestos da minha alta consideração.

José Saturnino Brito¹

R. Farme de Amoedo, 111
(Ipanema)

Nota

1. José Saturnino Brito (1844-1890) escritor e jornalista.

Mui prezado e bondosíssimo Mestre.

Cordiais saudações. Muito obrigado! Embora sem merecer por nenhum título o generoso elogio que me não tem regateado por virtude dos meus humildes opúsculos, destinados à reivindicação dos idealistas neste meio em que a injustiça e o opróbrio correm vertiginosa carreira na perversa intenção de esmagar os que desafiam a vulgaridade dos rastejantes conceitos nos poucos tabuleiros das livrarias que oferecem parcimoniosa hospedagem, compensem-me as elevadas palavras, a mim dirigidas, pela fulgurante pena de quem sabe merecer da posteridade, pela perseverança nos nobres idéias e na luta formidável a prol da realização da aspiração coletivista, a gratidão popular, isenta da insídia dos intrigantes e invejosos. Quanta calúnia vem sofrendo neste meio tão vil, tão torpe o seu mais humilde admirador! Mais uma vez, mui prezado Mestre, muito obrigado!

José Saturnino Brito

Rio, 6 de dez. 1927.

R. Farne de Amoedo, 111

Belo Horizonte, 30. VI. 31

Ao ilustre confrade e distinto amigo
Dr. Fábio Luz,

Cordiais cumprimentos.

Fico-lhe muitíssimo agradecido pelos dois livros de sua autoria que teve a grande gentileza de me oferecer. Só conhecia de nome *A paisagem no conto, no romance e na novela*¹, que agora vou ter o prazer de ler e guardar. Já li o capítulo em que é refutada brilhantemente a tese hoje em voga da tristeza do brasileiro. Felicito-me por saber que um alto espírito como o de Fábio Luz já escreveu antes de mim, e com o prestígio de sua pena admirável contra uma patranha literária que muita gente toma ao sério. A afirmação de que o Brasileiro é um povo triste tornou-se um lugar comum e portanto é indestrutível. Não tem faltado quem a conteste, mas por agora parece inútil. Em todo o caso, pode-se contradizê-la, quando mais não seja, por amor à contradição.

O meu livrinho não vale nada, nem visa a nada. Era coisa que eu tinha no fundo da gaveta e que agora dei a lume, não só para iniciar uma coleção de plaquetes de 80 a 100 páginas, tiragem reduzida, intitulada *Os amigos do livro*, e que se destina a publicar obrinhas, em prosa ou verso, de autores cá da terra. Modesto pasatempo de novicianos que sentem vagas comichões literárias.

A verdade é que o meu opúsculo já me prestou um serviço absolutamente inesperado: o de ter dado ocasião, para meu regalo, de me serem oferecidas duas belas obras da autoria do admirado romancista de *Elias Barrão* e do autorizado crítico dos *Estudos de literatura*.

Muito e muito obrigado, dr. Fábio Luz. E creia na simpatia e na admiração

do seu patrício e amigo
muito agradecido,

Eduardo Frieiro²

Rua Muriaé, 6

Notas

1. Trata-se do livro *A paisagem no conto, na novela e no romance*, (ensaio). São Paulo, Revista do Brasil, 1922.
2. Romancista, crítico literário (1889-1982).

Bahia, 8 de junho de 1909.

Meu caro Fábio Luz:

Acabo de ler o seu *Sérgio*, que pretendo fazer publicado em folhetim paginado no *Diário da Bahia* logo que se termine ali a publicação do *Ivanhoé* de Walter Scott.

Noto no seu *Sérgio* um começo muito amplo para um fim muito precipitado: mas a análise psicológica dos caracteres é, em suas linhas gerais, bem desenvolvida. Por outro lado, há uns ligeiros senões que v. há de corrigir quando tiver de encaixar o seu trabalho em livro. Deles, lembro-me de um, de pronto: da rotunda em que fica a pirâmide do Passeio Público, não se avista, absolutamente, a igreja de S. Antônio da Barra... Fruto de sua longa ausência...

Um ligeiro incômodo (uma pequenina congestão no córtex cerebral), ocorrido a 2 do corrente, afastou-me dos meus trabalhos intelectuais. A prescrição do maioral dos médicos baianos, o dr. Júlio Adolfo vai à exigência de que não leia nem escreva, absolutamente, por espaço de um mês. Que suplício para quem tem como linfa a leitura e a escrita!...

Em todo o caso, aqui vou pôr algumas idéias. Disse-me v. (disse-me, não: escreveu-me) que o João do Rio¹ se mostrara pouco satisfeito com o que dissera eu do seu – *Alma encantadora das ruas*. Não esperava eu outra coisa. E, voltando v. a estar com ele pode dizer-lhe que para ter exato valor e real expressão o que antes dissera eu do – *Momento literário* – e incidentemente do – *Religião no Rio*² – precisava ser sincero no meu juízo sobre um livro que, de fato, não me agradou.

Nem era eu obrigado a gostar de toda a obra do sr. *João do Rio*, nem a dizer bem do que não gostasse: mas sim a exprimir verdadeiramente as minhas expressões a propósito de seus livros.

Não sou homem de sistemas: não elogio quando não serve; nem condeno quando é útil e bom. Daí o relativo conceito em que me vou colocando em matéria de crítica literária.

E... sinto-me fatigado.

Não termino, porém, sem que lhe dê mais um incômodo: peço-lhe apresentar-me ao Curvelo de Mendonça, sim?

Ao amigo *ex-corde*

Almáquio Dinis

[No cabeçalho da folha]:

NB. À última hora extraio do *Jornal de Notícias* de 9 de junho de 1909, o artigo do sr. *Milá de la Roca Díaz*³ que combate, sustentando o que eu digo nos *Zoilos e estetas*, a sua teoria de moral única.

Almáquio.

Notas

1. Grifo do autor. Trata-se do escritor Paulo Barreto (1890-1921).
2. *Alma encantadora das ruas*. R.J., Garnier, 1908. João do Rio. Escritor, jornalista, teatrólogo, membro da Academia Brasileira de Letras. *O Momento literário*. R.J. Garnier, 1906. *Religiões no Rio*. R.J. Garnier, 1906.
3. Grifo do autor.

Bahia, 3 de Setembro 1909

Meu caro Fábio:

Grato, infinitamente grato, às suas generosidades e gentilezas!

Fico ciente de todo o conteúdo de sua última carta que tranqüilizou o meu espírito suspeitoso e, justamente suspeitoso porque estava abrasado no frio indiferentismo de quem conta com a minha amizade para todos os misteres de uma dedicação legítima e desinteressada, pois nem a vista nos pôs em contato material, um com outro!

Queixas não pagam suspeitas. As suspeitas se desfazem com as provas iniludíveis, como as que v. me deu, de inequívoca aproximação intelectual não somente mas também cordial.

E adiante!

Dou-te agora a comunicação de que está terminada a minha novela – *Feitiços de Luanda* – no gênero escandaloso de Conan Doyle e Garon. Quando a terminei a minha alma estava cheia de sua lembrança e em plena festa. Então, como um marco definidor desse estado sublime de alma, dediquei-lhe a novela e, provavelmente, lha mostrarei dentro de pouco tempo.

Dentro de pouco tempo...?

Sim. Devo dizer-lhe que vou ter o incalculável prazer de abraçá-lo, pois, a negócios de minha profissão, como advogado da *The Salobro and Pardo Development Company*, dos Estados Unidos, para aí seguirei, provavelmente, no *steammer Aragon*, que aqui passará a 17 do corrente, aí chegando a 19 ou 20, ou no paquete seguinte da Mala Real, que aí deve estar em 3 de outubro próximo futuro.

É um caipira que se vai apresentar na luxópolis: trajando o seu costume de couro cru para não se ferir nos cardos do caminho,

e à sombra de um grande sombreiro amarelo, para não se carbonizar ao sol da inteligência alheia.

Preciso de v. um grande favor: quero que me arranje, perto de sua casa, uma pensão séria, onde um desconfiado provinciano se possa abrigar das perversidades luxuosas da capital absorvente de seu país. Somos três ou quatro viajantes: eu, a minha mulher e o meu herdeiro, o Zoláquio amadíssimo. Compreendeu? Confio-me aos teus cuidados.

Quem se candidatou à vaga do Euclides da Cunha, na Academia de Letras, do baiano Castro Alves?¹

Oh! meu caro! Quanto havemos de conversar! Quanto havemos de ser felizes nos quatorze ou vinte e um dias que aí passarei!...

Até breve, pois.

Um abraço do muito,

Am.º pelo coração

Almáquio Dinis

Notas

1. Afrânio Peixoto foi o eleito.

Bahia, 23 – Nov.º 1909

Prezado Fábio:

Mais quatro dias e um mês estará feito, que lhes dei o meu abraço de despedidas na orla do Cais Pharoux.

Sou competidor do Afrânio¹ na vaga do Euclides, e, com toda a lealdade o digo, sabendo da candidatura dele antes de me ter inscrito, teria recuado por um justificável princípio de gratidão. Quando eu publiquei o meu *Eterno incesto*², com todo o seu nefelibatismo, e o Afrânio tinha publicado a *Rosa mística*³, do que não saiu até hoje, a crítica desabou torrencialmente em cima de meu pêlo: só encontrei ao meu lado a pena do Afrânio. Por isso, sou-lhe muito grato, e seria incapaz de opor o meu nome ao dele, num caso de candidatura. Entretanto, foi ele que opôs o seu nome ao meu. Desapareceu por conseguinte, a força do princípio de gratidão diante da força de meu próprio valor. Somos dois combatentes e não seria difícil que um matemático provasse a inexatidão dessa equação algébrica muito expressiva para ti:

$$a^9 = a^1$$

Mas

$$a^9 = \text{Almáquio}$$

sendo

$$a^1 = \text{Afrânio}$$

E como o expoente é o valor numérico da obra literária, em volumes, de cada um dos termos, sustentando a equação pelos expoentes teríamos

$$9 = 1$$

o que seria um absurdo, porquanto a verdade é que

$$9 = 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1$$

e não somente

$$9 = 1$$

Agora, porque sou nove?

Simplemente porque tenho publicado nove livros de literatura com o que posso fazer o seguinte quadro:

Almáquio Literato	Afrânio Literato
<i>Eterno Incesto</i> (1902)	
<i>Raiç de fel</i>	
<i>Sê bendita!</i>	
<i>Crises</i>	
<i>Reforma ortográfica</i>	<i>Rosa Mística</i> (1900)
<i>Pavões</i>	
<i>Zoilos e estetas</i>	
<i>Amém!</i> ⁴	

Desse quadro simpático de valores, só depois de uma ligeira análise, conclui-se que enquanto produzo nove livros publicados em sete anos, o Afrânio publica um em nove anos. Representemos, fazendo o número de anos expoente de cada autor:

$$a^{9\text{anos}} = 1$$

$$a^{7\text{anos}} = 9$$

De modo que, diante de cada ano de vida literária os nossos valores assim são tirados:

$$\text{Almáquio}^1 = 1 + 1/4$$

$$\text{Afrânio}^1 = 1/9$$

E, neste jogo de intrigados valores estéticos, mereceste uma carta de duas folhas de papel.

Não termino, porém, sem um novo jogo de números: eu e Afrânio fomos nefelibatas. Deixo de parte saber se ele ainda é ou não é. Vou analisar um pouco a minha obra. Como nefelibatas eu escrevi três livros e o Afrânio 1. Aqui o termos de comparação é o nefelibatismo que representamos por um n .

Então temos:

$$a^3 = n$$

e também

$$a^1 = n.$$

Ora, como duas cousas iguais a uma terceira são iguais entre si, aquelas duas fórmulas ou expressões podem ficar redigidas:

$$a^3 = a^1.$$

Agora vêm ao meu favor as outras obras. Se no nefelibatismo eu com três obras sou igual a Afrânio com uma só, na literatura sã e curada eu me represento

$$\text{Almáquio} = 6$$

e faço para Afrânio:

$$\text{Afrânio} = 0.$$

A luta está sempre neste mesmo terreno. Em matéria de valores estéticos, os que são forçosamente o ingresso do homem de letras (e não do cientista, aliás opondo eu quatro volumes dos quatro de Afrânio em ciência), dou um doce a quem prove a veracidade de uma destas fórmulas:

$$\text{Almáquio}^9 = \text{Afrânio}^1$$

ou

$$\text{Almáquio}^9 < \text{Afrânio}^1$$

ou, finalmente, a quem prove o contrário desta:

$$\text{Almáquio}^9 > \text{Afrânio}^1.$$

Quanto a trabalhos de ciência a paridade é impossível e desnecessária. Impossível porque não se comparam grandezas heterogêneas; desnecessário porque, como dizem os Estatutos da Academia de Letras, no art.º 2º, o caso é de homem de letras e não de ciências. [...]

Notas

1. Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) escritor e político, venceu a disputa para a vaga n° 7 de Euclides da Cunha, recebido por Araripe Jr.; foi eleito Presidente da ABL em 1923.
2. *Eterno incesto*, prédicas de um religioso para a comunhão da Vila forte da cidade humana. Bahia, 1902.
3. *Rosa mística* (símbolo tragicodramático em 4 colóquios). Leipzig, Brochkaum, 1900.
4. *Sê bendita*, Bahia, 1905. (romance publicado originalmente em folhetim). *A reforma ortográfica*. Bahia, 1907. *Pavões* (romance), Liv. Magalhães, Bahia, 1908. *Amem!* Bahia, 1909.

Bahia, 3 de dezembro de 1909

Meu caro Fábio:

Depois que nos conhecemos, o teu silêncio vai caminho de ser maior em crises do que dantes de nosso conhecimento.

Porque assim?

Saboreia o artigo que te envio. Ao depois, mostra-o aos distintos amigos: José Veríssimo, Coelho Neto, João Ribeiro, Alberto de Oliveira, Alencar Araripe, Pedro do Couto, Virgílio Várzea, Hemetério, etc.

Dá-me notícias tuas e da tua família.

Teu cordial am.º

Almáquio Dinis

Vire

Chamo a tua atenção para o meu novo *adresse* que é:
Rua Carlos Gomes, 101.

Almáquio

Bahia, 28 janeiro 1910.

Fábio, amigo:

Até que enfim o príncipe encantado em estátua, perdeu o encanto e... escreveu.

Graças a Deus ainda tem muita tinta a tua eloqüente pena de missivista.

Estou largamente informado de tuas enxaquecas, e de todos os teus outros males preguiçosos que motivaram o colapso de tua correspondência que tanto me apraz.

Li a tua estirada sobre o hermismo¹: não me abalou, por certo. Que querias tu se sou hermesista porque, em matéria de política, também sou nietzschiano, querendo a ascensão dos maus para a derrocada mais rápida, se o estado atual das coisas exige uma completa e rapidíssima ruína? Sou Hermes, salvo seja, porque não conheço candidato mais oportuno, porque é ele o pior de todos...

O que foi a passagem do Rui por aqui, já mandei dizer ao Elói². Perseguido pela politicagem, vaiado pelos inconscientes, guardado por alas de policiais embalados, mas um triunfador sempre que os seus lábios se abriram para dizer a mais simples palavra. Um herói do talento. Nada mais. Uma vitória da politiquice. Tudo isso.

Que me contas tu de minha candidatura?

Sabes que sou candidato único?

Sabes que a improvisada candidatura do Afrânio para me fazer mal, não vingará?

Sabes que tenho um importante documento autografado, em que alguém me confessou que o Afrânio não se candidatou e fora dado como candidato sem ter a carta-autógrafo que é a manifestação expressa e indispensável da vontade de concorrer, sem o que não pode ser votado?

Sabes que sendo eu o único candidato, outro não pode ser o eleito senão eu?

Verifica se é exato o que te mando dizer e informa-me a respeito, para que eu tire a prova dos nove, nesta soma de heterogeneidades.

Conforme o Elói, que se fundou em informações do Alberto de Oliveira, o que te digo é certo. Quero, porém, um maior número de provas. Não achas bom?...

Podem mover-me a campanha que quiserem.

Sou para ela.

Tenho trabalhado como o diabo, e bendigo o conhecimento do bondadoso Elói Pontes, que tem sido para comigo de uma imorredoura pressurosidade grata.

Estou publicando um folhetim no *Diário da Bahia*. É uma novela: *O diamante verde*³. Foi dedicada ao sr. Alencar Araripe, cuja convivência aí me inspirou a mais ardente das simpatias.

O Bertrand, de Lisboa, tem um livro meu – *Um artista da moda*⁴ – já revisto, que não sei quando quer expor à venda.

O Gomes de Carvalho vai imprimir, antes de maio, o meu melhor livro literário: *Saazão de luz*⁵, uma caprichada novela rememorativa, dos tempos de Jeschú-bar-Jossef, em que a devassa esposa do procurador da Judéia, tem a divina loucura do amor sensual com o Filho de Deus. O assunto, como tu muito bem conheces, é gasto. Julguei de meu direito ser um pouco original no que está enormemente surrado. Andei bem? Dirão os outros, depois.

Que tal achaste o meu livro – *Questões de filosofia e direito*⁶ – de que te deu um exemplar o Garnier?

Sobre a parte filosófica podes dar a tua opinião.

Quando lerei a *Virgem-mãe*?⁷

Como uma propaganda do livro, precedido de um estudo meu, o *Diário da Bahia* publicará o *Sérgio*, logo depois d'*O diamante verde*.

É escusado ponderares que a novela faz parte do livro cedido ao Garnier.

Este reconhecerá um preconceito no que vou fazer. E, antes de publicada em livro, a novela foi publicada em jornal, pelo que, sem uma reação reaquiritiva, o autor ficou um pouco lesado nos seus direitos... Quanto mais o futuro editor, não é exato?

Pede ao Alberto de Oliveira que não me abandone na Academia Brasileira. E podes dizer-lhe, como coisa tua, que lhe dediquei o meu melhor trabalho – a *Saḡão de luz*.

Recomenda-me a todos os teus: à tua Exma esposa, a quem Vininha se faz lembrada até mais vindouro; à tua gentil cunhada, a quem Vininha apresenta saudades; ao teu amistoso sogro – alma de baiano, perdida nos burburinhos hipócritas do Rio, mas incólume nos seus afetos; aos nossos amigos, e recebe um

apertadíssimo abraço do

amigo *ex-corde*.

Almáquio Dinis

Rua Carlos Gomes; 101.

Notas

1. Movimento em prol da candidatura do M^h Hermes da Fonseca (1855-1923) à Presidência (1910-1914).
2. Rui Barbosa (1849-1923), candidato civil à Presidência em 1910 e em 1919; Elói Pontes.
3. *O diamante verde*. Lisboa, Guimarães, 1910.
4. *Um artista da moda* (contos) 1908.
5. *Saḡão de luz* (conto dramático em 2 atos). Bahia s.d.
6. *Questões atuais de filosofia e direito*. Pref. de Clóvis Bevilacqua. R.J.. Garnier, 1909.
7. De coração.

Bahia, 22 – 2º – 910

Meu caro Fábio:

Por onde anda o Elói que não me responde às cartas há mais de mês? Quando ele rareia, tu ganhas atividade; e vice-versa. Não queria eu assim. Ser-me-ia bom receber cartas – até quotidianas – de ambos. Não te mandei o meu *Questões atuais*¹, porque me disseste que o Garnier (Lausac) te dará um. Ao contrário... *serias*² um dos primeiros. Agradaram-me as tuas informações académicas da última carta. Faze novas cavações e manda-me. Distante daí, preciso dos olhos dos amigos para ser melhor, e as tuas informações, não obstante a tua idiosincrasia académica, são apreciadas por mim. Pena é que elas não venham todos os dias...

Em começo de março – logo depois das eleições – o *Diário* publicará o *Sérgio*. Faço questão disto e o teu silêncio consente. Ainda bem! Poderias dizer-me onde mora o Heráclito Graça?³

Tenho andado preocupado com uma peça de teatro encomendada. Estou escrevendo pois, uma peça em quatro atos, de nome *Timandra*⁴, a protagonista da peça... Não sei se me sairei bem, dadas as prevenções que tenho, apuradas no íntimo d'alma, contra o teatro de representação.

Recomenda-me muito aos teus todos, sem exceções. Abraços nos amigos. O Figueiroa deixou, de fato e direito, a vaga da Faculdade de Direito, para mim, e a outra... para quem as safadezas nilanas entenderem que seja. Candidato severinista é o Aurelino.

Escreve, Fábio amigo ao teu

Ex-corde

Almáquio Dinis.

Notas

1. *Questões atuais de filosofia e direito*. Pref. Clóvis Bevilacqua, 1909.
2. Grifo do autor.
3. Heráclito de Alencastro Pereira Graça (1837-1914), escritor, advogado, defensor da lei do ventre livre, ligado ao Ministério das Relações Exteriores, membro da ABL (1905).
4. *Timandra* (tragédia moderna em 5 atos).

B.^a 12 – Março 1910

Fábio, amigo:

A tua novela vai produzindo grande sucesso. Mando-te, por enquanto: a notícia de prevenção; o prefácio; e o primeiro número. Depois madar-te-ei do segundo em diante.

Não pasmei quando soube por ti que o Elói andou, ou anda, fazendo civilismo anarquista pelas ruas. Tenho paixão pelos agitadores, pelos *meneurs*. Eu mesmo, por aqui, em certos movimentos, tenho sido um *petit-meneur*. Acho que é uma função do talento de Elói, o irradiar-se ele nas multidões. O que permitido não é, de forma alguma, é o esquecimento dos deveres de correspondência, e isto desde janeiro, *in-initium*. O que não é permitido é ele ter assumido o compromisso de *cartear-se* comigo, e fugir do compromisso, no melhor do gozo.

Por aqui, o civilismo impotente não foi anarquista; foi, apenas, arruaceiro e assassino. Não teve coragem de apresentar-se nas ruas à luz do sol. Não. Aproveitou-se da noite, quando os severinistas faziam uma esplendorosa passeata de regozijo, para um assalto aos triunfadores. Nesse momento como regozigado que era, vi-me no meio de mais de trezentos tiros, numa rua de portas fechadas e de lampiões apagados. E, se eu não tivesse a ventura de encontrar um combustor de iluminação com que me abracei, como outros teria sido levado no atropelo, arrebentando, provavelmente, o meu pobre corpo, no serviço de ser tapete dos covardes que fugiam e da cavalaria da polícia que espaldeirava, sem alma, amigos e inimigos... Um horror!... Não foi o terror militar!... Foi o terror policial, o pior dos terrores porque tem a *faca e o queijo nas mãos*¹: agri-de, espanca e mata, processando logo em seguida as vítimas como cabeças de motins... Afinal, águas passadas não movem moinho...

A oito tomei posse de catedrático de filosofia do direito, em cujo exercício estou ao seu dispor.

Suspendi o trabalho da *Timandra* no terceiro ato, porque a Faculdade exigiu de mim, a apresentação de programas e eu não quis começar sustentando a ilusória ciência de meu antecessor. E, porque suspendi aquele trabalho, perdi o ensejo de vê-lo representado, na presente temporada teatral. Ficaré para outra ocasião.

E a tal academia? Tens visto o Veríssimo? Já sabes que Afrânio Peixoto legalmente não é meu competidor? regimentalmente não pode ser votado? legitimamente não pode ser eleito? Se não sabias, sabe agora: Afrânio, dentro do prazo da inscrição acadêmica, não apresentou a carta de candidatura, a indispensável carta autógrafa. E assim sendo, embora as depois tenha escrito a tal carta, não pode, sem escândalo, ser votado.

Falo-lhe com as palavras que de acadêmicos daí tenho recebido. Exijo, porém, de ti, uma coisa: silencia sobre o que acabo de dizer-te.

Que tal achaste o meu *Questões atuais de filosofia e direito*? Sobre tudo tens escrito, menos sobre isto. E me interessava saber de tua opinião.

De Portugal pede-me o Orlando Marçal um artigo teu sobre Alexandre Herculano para ser incluído no livro *In memoriam* a publicar-se por ocasião do centenário daquele ilustre escritor. Eu já escrevi, e estimaria bastante que também tu escrevesse.

Como vão os teus? A tua senhora, a cunhadinha, os meninos, o sogro? Todos bons, progredindo? Nunca me esquecerei de que, na tua casa, perdido na imensidão da luxópolis, encontrei um amoroso pedacinho da amadíssima Bahia!

Escreve-me. Não te dei o direito nem de silêncio, nem de laconismo. Recomenda Vininha e Zoláquio a todos os teus e aceita um apertado abraço

Do am.º *ex-corde*²

Almáquio Dinis

Rua Carlos Gomes, 101

Bahia

Notas

1. Grifos do autor.
2. Do coração.